



"REVOLUÇÃO DOS CRAVOS"



António de Oliveira Salazar

Foi figura de destaque e promotor do Estado Novo (1933–1974) e da sua organização política. Em 1968 Salazar foi intervenido cirurgicamente por ter caído de uma cadeira. Apesar desta intervenção, Salazar não voltaria a recuperar a lucidez e seria substituído na liderança do governo por Marcelo Caetano. Curiosamente, o fundador do Estado Novo nunca soube que já não governava o país pois foi levado a acreditar, por aqueles que o rodeavam, que nada tinha mudado. Assim continuou a presidir a reuniões com ministros, a assinar decretos e até a dar entrevistas e a fazer declarações ao país.

(Fotografia: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/s/salazar.htm>)



"REVOLUÇÃO DOS CRAVOS"



Marcelo Caetano

Sucedeu a Oliveira Salazar em 1968, e o país viveu a primavera marcelista, uma expectativa de mudança que não se concretizou. Cada vez mais sozinho, foi cercado no quartel do Carmo, em abril de 1974, e entregou o poder ao general Spínola.

Morre em 1980 no Brasil, país onde se tinha exilado.



"REVOLUÇÃO DOS CRAVOS"



PIDE (Policia Internacional e de Defesa do Estado)

Foi um dos pilares da ditadura portuguesa. A função desta polícia era perseguir, prender e interrogar qualquer indivíduo que fosse visto como inimigo à ditadura salazarista. Estes opositores ao regime eram levados para prisões em Portugal como as dos Fortes de Caxias e de Peniche, ou a do Tarrafal, na ilha de Santiago, no arquipélago de Cabo Verde. Nestes locais eram muitas vezes vítimas de tortura, privação de sono, isolamento, más condições alimentares, higiénicas e de saúde, o que levava muitas vezes à sua morte.



"REVOLUÇÃO DOS CRAVOS"



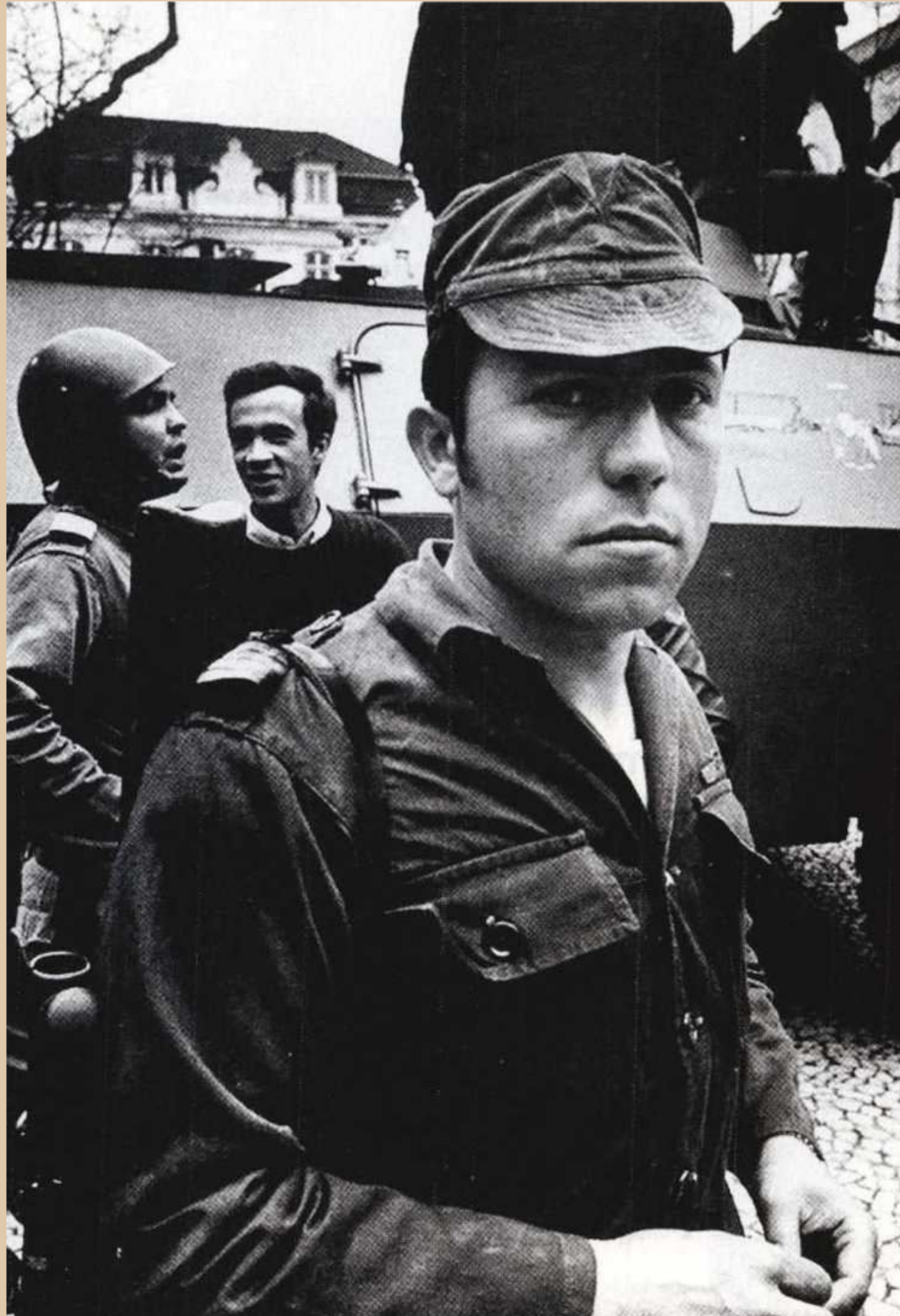
MFA (Movimento das forças Armadas)

O Movimento das Forças Armadas (MFA) foi um movimento militar de esquerda, responsável pela Revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal, que pôs fim aos 48 anos de ditadura do Estado Novo. A principal motivação deste grupo de militares, que era então chamado Movimento dos Capitães, era a oposição ao regime e à Guerra Colonial Portuguesa.

Atualmente são conhecidos como os "Capitães de Abril"



"REVOLUÇÃO DOS CRAVOS"

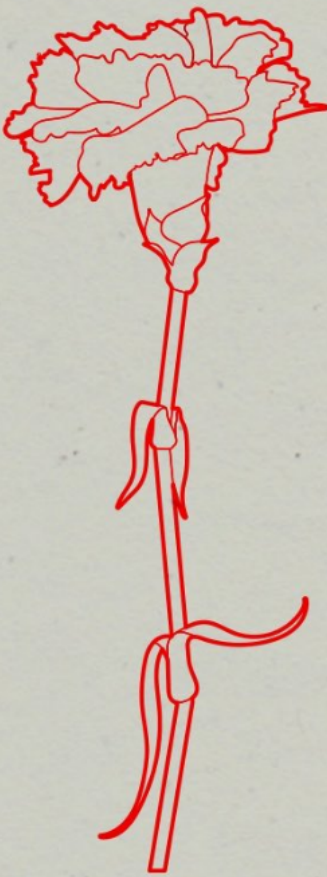


Salgueiro Maia

Foi um dos "Capitães de Abril", sendo o rosto mais visível de toda a operação militar, destacando-se pela sua ação pragmática e firme nesse dia. Na noite marcada, Salgueiro Maia juntou 240 homens fazendo uma intervenção que ficou célebre, dizendo: "Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os estados socialistas, os estados capitalistas e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene, vamos acabar com o estado a que chegámos!"



" REVOLUÇÃO DOS CRAVOS "

Zeca Afonso	Grândola, vila morena Terra da fraternidade O povo é quem mais ordena Dentro de ti, ó cidade
Grândola Vila Morena	Dentro de ti, ó cidade O povo é quem mais ordena Terra da fraternidade Grândola, vila morena
LETRA	Em cada esquina, um amigo Em cada rosto, igualdade Grândola, vila morena Terra da fraternidade
	Terra da fraternidade Grândola, vila morena Em cada rosto, igualdade O povo é quem mais ordena
	À sombra duma azinheira Que já não sabia a idade Jurei ter por companheira Grândola, a tua vontade
	Grândola a tua vontade Jurei ter por companheira À sombra duma azinheira Que já não sabia a idade

Grândola Vila Morena

Na madrugada de 25 de abril de 1974, os militares do MFA (Movimento das Forças Armadas) ocuparam os estúdios da Rádio Clube Português e, através da rádio, explicaram à população que pretendiam que o País fosse de novo uma democracia, com eleições e liberdades de toda a ordem. Inclusive, foram postas no ar músicas de que a ditadura não gostava, como Grândola Vila Morena, de José Afonso, e "E depois do adeus" de Paulo de Carvalho a qual deu início à Revolução. A que passou à história como música da revolução foi Grândola Vila Morena.

(Fotografia: <https://espai-marx.net/?p=7466>)



"REVOLUÇÃO DOS CRAVOS"



José Afonso

José Afonso, o cantor e compositor da revolução, teve uma forte relação com a Galiza. Nas suas atuações na Nossa Terra, e em algumas entrevistas, o Zeca tinha dito de forma muito clara: "Galiza é para mim também uma espécie de pátria espiritual..." e "aproveito esta oportunidade para uma vez mais afirmar a minha grande amizade pela terra e o povo galegos, com que ao longo dos anos mantive as melhores relações, e para manifestar também a minha inteira solidariedade com a luta pelo reconhecimento efetivo da língua e cultura galegas como uma das mais ricas da península".



"REVOLUÇÃO DOS CRAVOS"



O povo

Quando os tanques do MFA entraram na cidade de Lisboa, o povo uniu-se à luta para derrubar a ditadura de Marcelo Caetano, que nessa altura estava escondido no quartel da GNR (Guarda Nacional Republicana) do Carmo.



"REVOLUÇÃO DOS CRAVOS"



Os cravos vermelhos e Celeste Caeiro

O cravo é o símbolo mais reconhecido da Revolução do 25 de abril de 1974. Celeste Caeiro (de mãe galega), empregada de mesa, será sempre recordada como a responsável por este dia passar para a história como o dia da "Revolução dos Cravos".

Naquele dia era o aniversário de inauguração do restaurante onde a Celeste trabalhava. Uma festa onde não podiam faltar flores. Quando chegou ao trabalho, Celeste encontrou a porta fechada e foi informada pelo patrão de que não iria abrir porque estava em marcha uma revolução. Como o patrão não queria que os cravos se desperdiçassem, distribuiu os cravos entre os empregados. Celeste Caeiro levou os cravos consigo até ao Rossio, onde os tanques militares aguardavam novas ordens de Salgueiro Maia. Um soldado pediu um cigarro a Celeste, mas esta não era fumadora e tudo o que tinha para lhe dar era um dos cravos que tinha trazido do restaurante. O soldado aceitou a flor e colocou-a no cano da espingarda e logo os companheiros lhe seguiram os passos, levando Celeste a distribuir todos os cravos que tinha nos braços.



"REVOLUÇÃO DOS CRAVOS"



Presos políticos

A libertação dos presos políticos, já na madrugada do dia 27, foi um dos momentos decisivos da revolução de 25 de Abril de 1974. A repressão da polícia política, com milhares de presos, muitos dos quais torturados ou mortos, foi um elemento decisivo para garantir a longa duração da ditadura. Abrir as cadeias da polícia política, marcava a ruptura definitiva com o passado.